

Como será o **NOVO** normal?

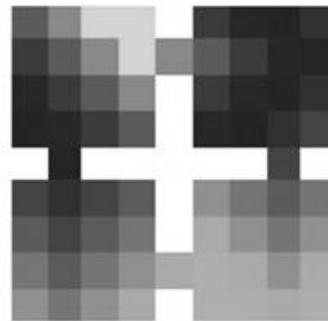


Coletânea de Estudos de Impactos e Cenários Futuros Pós Pandemia COVID-19

Como será nossa vida cotidiana daqui a alguns meses?

A ordem mundial entrará em colapso ou as repercussões do vírus serão administráveis?

Como as empresas e as pessoas podem tentar reformular e reverter os resultados negativos e assim planejar uma recuperação do COVID-19 à medida que todos lidamos com um evento sem precedentes?





O COVID-19 está desafiando certezas em todos os lugares.

Tendo como objetivo responder estas questões coletamos artigos que procuram analisar os impactos presentes e possíveis cenários futuros pós pandemia do COVID-19. Devido ao assunto ser transdisciplinar as análises foram divididas em quatro seções: **Comportamento, Tecnologias, Economia e Gestão.**

Nesta coletânea iremos abordar a seção **Comportamento**, sendo que nas próximas coletâneas iremos abordar as outras seções.



COMPORTAMENTO



Sumário

Sumário.....	5
Sinopse dos artigos.....	6
Esqueça tudo o que você sabe	19
(Turquia) (*1).....	19
Como ameba	19
(Grécia)(*1)	19
Preservando nosso mundo para as gerações futuras.....	20
(Bulgária)(*1).....	20
O mundo continuará girando sem nós	20
(Polônia)(*1)	20
A importância da Filosofia em meio à crise da Covid-19	21
Existencialismo.....	22
Yuval Harari aponta os cenários pós-pandemia	30
A sociedade pós-COVID-19: Nada será como antes.....	36
O COVID-19 nos mostra que a realidade é distópica	41
Sobre o GrupoTreinar.....	47
Colaboradores desta coletânea	49
Fontes de referências.....	50



Sinopse dos artigos

Procurei inicialmente mostrar através da citação de depoimentos de vários jornalistas europeus que a questão da Pandemia provoca uma reação de espanto e incredulidade em praticamente todos os países. Embora os governos não tenham reagido de maneira uniforme o “sentimento” deles é constante e bem pessimista, como se pode notar pelas expressões a seguir:

...Diante de nós, existe um futuro kafkiano em que os estados, em nome da autossuficiência, erguem seus muros...

...todas as medidas de precaução, proibidas e de emergência certamente permanecerão conosco para manter uma sensação virtual de segurança que nos transformará em seres que vivem sob restrição e opressão crônicas....

...Teremos perdido nosso caráter humano e as características da humanidade; viveremos como ameba...

Outro já percebe um benefício destacando o processo contínuo da história:

...estamos começando a entender o quanto é importante preservar o mundo de ontem e trazê-lo para amanhã...

Como se pode notar a Pandemia necessariamente nos leva a problemas existenciais até de forma literal, afinal dependendo do que fizermos agora poderá morrer muita gente, seja pela doença, seja pela fome advinda da provável crise econômica que virá e todos nós de uma forma ou de outra teremos um comprometimento com o resultado final no futuro próximo.

Já que o problema é literalmente existencial e diz respeito a todos coloquei o artigo **A importância da Filosofia em meio à crise da Covid-19** em seguida para começarmos a analisar o problema pela mais alta instância do questionamento humano – A Filosofia.



A situação de quarentena nos põe questões existenciais e é uma oportunidade para fazermos uma investigação filosófica que nos faz refletir sobre a vida que conduzíamos antes e como agiremos depois da Pandemia. Assim, quarentenas podem ser uma oportunidade para questionarmos questões importantes a respeito de nossas próprias vidas, como por exemplo:

- Eu tenho vivido a minha vida ou tentado viver a vida de outrem?
- Eu tenho aproveitado o meu tempo disponível para fazer coisas que me agradam e me fazem bem ou passo o meu tempo me lamentando e destruindo minha saúde?

Neste sentido vemos que os brasileiros comem pior e pouco se exercitam na quarentena. Um [levantamento efetuado pela Ticket](#), realizado nos dias 3, 4 e 5 de abril de 2020 com 7 mil trabalhadores, mostra que mais de 70% deles reduziram ou eliminaram atividades físicas e 40% não estão realizando refeições completas.

- Eu tenho levado uma vida prazerosa ou estou sempre sob estresse e angústia?

Observa-se que [a violência cresce ainda mais agora em meio à imprescindível quarentena](#) para o combate eficaz ao COVID-19. Os motivos são claros: mulher e marido violentos, mães e pais que habitualmente agridem filhos, todos estão nesse momento mais tempo juntos e em um lugar fechado — os seus lares.

- Ao que e a quem eu tenho dado maior prioridade no meu tempo?
- Quem são as pessoas que eu quero perto de mim e por que?



- A vida que eu tinha antes da quarentena é a mesma que eu quero ter depois?

Em seguida o artigo faz uma crítica ao conceito radical de “utilitarismo”, na medida em que diz que as únicas coisas “necessárias” à vida são água e alimentos, TODO o resto é “inútil” e nós passamos quase todo o nosso tempo fazendo “coisas inúteis”; mas nós as fazemos porque nos dão prazer e alegam a vida, por isto que muitas pessoas estão desesperadas ou entediadas: porque não podem fazer essas “coisas inúteis” que lhes dão prazer e uma vida conduzida apenas com base no que é “necessário” é uma vida que ninguém quer. Reforça citando escritor Stephen King: “Se você acha que artistas são inúteis, tente passar a quarentena sem filmes, séries, músicas, poemas, livros e pinturas”.

Até agora falamos dos benefícios da quarentena como a oportunidade de refletirmos mais sobre a nossa própria vida e também de poder fazer mais coisas “inúteis”. Mas quais são os principais problemas individuais, e os coletivos?

Evidentemente o maior problema de todos nós é o rápido índice de transmissão do vírus entre as pessoas e sua letalidade e o segundo é o desemprego que está causando, pois a maioria das empresas simplesmente pararam de funcionar, causando uma verdadeira catástrofe econômica e desemprego em massa. Muitos que já não mais tem trabalho devem estar se questionando:

- Alguém vai me contratar quando acabar a quarentena e eu puder voltar a trabalhar?



Outros devem estar pensando:

- Alguém terá dinheiro para comprar o que estarei vendendo?

O isolamento e o distanciamento social também têm nos mostrado uma coisa que a Filosofia e a Psicologia já sabiam: nós precisamos do contato com os outros. É conhecida a afirmação de Aristóteles de que nós humanos somos animais políticos porque dependemos dos outros para vivermos. Até para amarmos nós precisamos do contato carnal com os outros, porque tudo parte do corpo e isso pode ser observado num belíssimo vídeo do canal Casa Surace, no qual perguntaram aos italianos qual será a primeira coisa que farão quando saírem da quarentena e a quase totalidade das respostas seria abraçar alguém que amam.

Além dos problemas econômicos e do desemprego, a pandemia também foi responsável por mudanças no mundo do trabalho e da educação e temos uma rápida transferência do trabalho para o mundo virtual, mas alguns problemas surgem:

- Em que medida esse processo acentuará as desigualdades socioeconômicas? Quais as consequências para a saúde?
- Como ficaria a socialização das pessoas se retirarmos o ambiente comum de trabalho?
- Poderia aumentar o número de empregadores que não respeitam os horários de trabalho e obrigam os funcionários a trabalharem fora do expediente sem pagarem horas extras?



Na educação alguns problemas do contexto brasileiro surgem: considerando que apenas 67,5% da população utiliza internet, as que não possuem ficariam excluídas do processo educativo?

A Filosofia nos convida a refletir é sobre como será o mundo em termos políticos pós-pandemia e o autor cita que a consequência direta da Peste Negra em Florença foi a concentração do poder pela oligarquia e o enfraquecimento da participação popular nas decisões da república, o que resultou na perda das liberdades política e econômica.

As mudanças políticas são outras preocupações dos filósofos porque as medidas que estão sendo tomadas agora para conter o novo COVID-19 podem beneficiar regimes autoritários. Na Coreia do Sul, por exemplo, o governo criou um aplicativo que tem acesso à localização da pessoa e permite acompanhar os movimentos dela para saber se ela está ou não onde deveria estar; na China, além desses dados, monitora-se também os fluxos aéreo e rodoviário dos população. Na Hungria, a fim de combater a pandemia, o Parlamento permitiu ao primeiro-ministro governar por decreto por tempo indeterminado, sem precisar do aval do Legislativo, podendo suspender leis e sessões do Parlamento e cabendo ao primeiro-ministro o poder de decidir quando acabará o período de quarentena para a população. Teme-se que todo este controle seja prorrogado por regimes já autoritários e usado para seguirem rumo ao totalitarismo.



Em **Yuval Harari aponta os cenários pós-pandemia** o famoso autor destaca que não somente tudo vai mudar, mas já está mudando rapidamente, seja na saúde, mas também a maneira como estruturamos a economia, a política e a cultura para o futuro – tudo isso com base em decisões rápidas e emergenciais. . "Ao escolher entre alternativas, devemos nos perguntar não apenas como superar a ameaça imediata, mas também que tipo de mundo habitaremos quando a tempestade passar. Sim, a tempestade passará, a humanidade sobreviverá, a maioria de nós ainda estará viva – mas habitaremos um mundo diferente, explica. "As decisões que em tempos normais podem levar anos de deliberação são aprovadas em questão de horas." Países inteiros servem como cobaias em experimentos sociais em larga escala. Pergunta:

- O que acontece quando todos trabalham em casa e se comunicam apenas à distância?
- O que acontece quando escolas e universidades inteiras ficam online?

A seguir levanta alguns conflitos ou dilemas éticos importantes:

Privacidade e proteção dos dados (vigiar a população de forma totalitária)

“sobre a pele”

X

“sob a pele”

Acesso à saúde e compartilhamento com as autoridades de informações pessoais (ou dar poder ao público e alimentá-lo com boa informação como forma de preservar vidas controlando dados como pressão arterial, temperatura corporal e histórico médico)



Precisaremos confiar na ciência, nas autoridades públicas e na mídia

Privacidade é sinônimo de segurança. Para o autor, a crise do COVID-19 pode ser o ponto de inflexão da batalha pelos nossos próprios dados, porque quando as pessoas precisam escolher entre privacidade e saúde, geralmente escolhem a saúde.

"Se as empresas e os governos começarem a coletar nossos dados biométricos em massa, eles podem nos conhecer muito melhor do que nós mesmos, e podem não apenas prever nossos gostos e sentimentos, mas também manipular o que sentimos para vender o que quiserem — seja um produto ou um político."

Harari entende que a escolha mais acertada que os líderes políticos podem fazer nesse momento é a de munir os cidadãos de informações corretas, com embasamento científico, para que cada um cuide da própria saúde.

Quando as pessoas são informadas dos fatos científicos e quando elas confiam nas autoridades públicas para lhes contar esses fatos, os cidadãos podem fazer a coisa certa mesmo sem um Big Brother vigiando seus ombros. Uma população motivada e bem informada é geralmente muito mais poderosa e eficaz do que uma população ignorante e policiada.

E se a autoridade não confia na ciência?

Caminhos para o Autoritarismo

Nos últimos anos, políticos irresponsáveis minaram deliberadamente a confiança na ciência, nas autoridades públicas e na mídia.



Em um momento de crise, as mentes também podem mudar rapidamente e assim serem mais facilmente manipuladas.

Recomendações

- Totalmente a favor de monitorar a temperatura corporal e a pressão sanguínea, mas esses dados não devem ser usados para criar um governo todo-poderoso. Em vez disso, esses dados devem permitir que eu faça escolhas pessoais mais bem-informadas e também responsabilize o governo por suas decisões.
- A pandemia é um grande teste global de cidadania e precisamos de um plano global.
- Devemos fazer uso de novas tecnologias, mas essas tecnologias devem capacitar os cidadãos.
- A humanidade deveria optar entre isolamento nacionalista ou solidariedade global.
- Precisamos de um espírito de cooperação e confiança global, completa, e lembra que os países devem estar dispostos a compartilhar informações de maneira aberta e humilde.

Em **A sociedade pós-COVID-19: Nada será como antes** a autora afirma que teremos que construir um novo normal, uma nova sociedade.

Trata-se de um modelo de organização social, em que tecnologias como Big Data, Inteligências Artificial e Internet das Coisas são usadas para criar melhorias para a vida em sociedade.

O que a pandemia de COVID-19 está fazendo é acelerar esse processo de transformação digital e de curva de adoção de tecnologias exponenciais para



o bem comum. No caso do Blockchain, por exemplo, estamos falando da possibilidade de uma sociedade autogerenciável, sem a necessidade de governos ou órgãos reguladores. Uma sociedade totalmente desmassificada e distribuída, em vez de aglomerada em centros urbanos. Ao final a autora diz não saber se estamos socialmente preparados para tamanha mudança, mas a situação favorece reflexões desse tipo.

A autora cita pensadores como o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, falecido em 2017, que lançou o livro *Modernidade Líquida*, no qual diz que os acontecimentos da segunda metade do século XX, como a instabilidade econômica mundial, o surgimento de novas tecnologias e a globalização, criaram um mundo líquido, no qual as coisas são tão rápidas e efêmeras que não há tempo suficiente para se solidificar, fato que é profundamente acelerado com a Pandemia neste século.

Citou também Alvin Toffler, um dos maiores futuristas que o mundo já viu, falecido em 2016, sendo que em 1980, apresentou o conceito de “cabanas eletrônicas” em seu livro *A Terceira Onda*. Segundo o futurista, as pessoas da era digital buscariam a constante desmassificação, querendo ser únicas, autênticas. Fundem o conceito de produtor com o de consumidor, tornando-se “prossumidores”.

Hoje, com a popularização do YouTube, em que é possível aprender a fazer praticamente qualquer coisa, esse comportamento tem se acentuado cada vez mais.

Se as pessoas querem produzir elas mesmas, a impressão 3D e 4D faz com que qualquer um se torne uma mini fábrica. O impacto na estratégia e



logística de mercado como conhecemos hoje é total. Indústrias deixarão de fazer produtos manufaturados para nos entregar pequenas quantidades de matéria-prima para que nós mesmos, dentro de nossas cabanas eletrônicas hiperconectadas, possamos criar objetos únicos, exclusivos e que atendam perfeitamente às nossas expectativas e não às necessidades das massas.

Em **O COVID-19 nos mostra que a realidade é distópica** chamo a atenção para a nossa educação, pois somos educados tendo como base uma ideologia, seja política ou seja religiosa, depois, na medida que vamos evoluindo, passamos por uma fase de contestação até chegar à “nossa verdade incontestável”, daí começamos a ter uma análise “linear” do mundo. Todavia, noto que isto é uma ideia utópica, onde vemos as coisas através de uma “lente” ideológica, mas não vemos as pessoas e a realidade como são.

Aí vem um acontecimento não previsto como o COVID-19, o que provoca uma verdadeira revolução e que por fim nos mostra o quanto nossa “lente” estava “opaca” e não conseguiu antever ou nos dar um “modus operante” neste novo cenário.

Cito o livro “A lógica do Cisne Negro escrito”, escrito em 2007 por Nassim Nicholas Taleb onde ele argumentou que os eventos do cisne negro são impossíveis de prever devido à sua extrema raridade (como o COVID-19 e daí a sua obra ser extremamente oportuna). No entanto, eles têm consequências catastróficas.



Como resultado, era fundamental que as empresas e as pessoas sempre assumissem que um evento de cisne negro era possível e assim se planejassem adequadamente. Mas não foi o que aconteceu.

Mas tenha em conta que nem todos ficaram foram totalmente surpreendidos, como é o caso de Bill Gates, no famoso vídeo produzido para o TED2015 “The next outbreak? We're not ready” (O próximo surto? Não estamos prontos) onde ele dá detalhes sobre como os EUA não estavam preparados para um surto epidemiológico, fato que hoje é facilmente comprovável.

Em seguida dou mais detalhes sobre as seções **Tecnologias**, **Economia** e **Gestão**.

Adicionalmente recomendo que assistam as entrevistas de Leandro Karnal e Luiz Pondé deram para a CNN recentemente (vejam a referência no artigo) pois eles abordam o assunto COVID-19 tanto pela perspectiva geral / comportamental, pela ótica internacional como também pela ótica brasileira. Respondem questões relacionadas principalmente com os seguintes assuntos:

- O Senhor consegue enxergar um legado desta pandemia para o funcionamento da sociedade?
- Sobre o futuro da escola e a sociabilidade do indivíduo, o isolamento deve permanecer no mesmo grau em que está, ou, após, devemos voltar ao convívio social?



- Segundo Yuval Harari, em seu livro 21 Questões para o Século XXI, diz que a automatização fará com que seres se tornem irrelevantes. Como você enxerga isso? Veremos hordas de trabalhadores irrelevantes?
- As pessoas estão divididas entre a negação do que representa a pandemia e o medo. Este é um processo que se repete perante as tragédias que são inevitáveis? Historicamente, quando é que esta chave vira?
- Muitas pessoas rechaçam a ciência e a quem possui títulos e se dedicou à conquista acadêmica. Quanto mais rechaçam essas pessoas, mais elas se unem num movimento agressivo de repulsa. Existe um caminho para melhorar a comunicação da ciência com a população? E se conseguir, vai reconquistar as pessoas para a ciência.
- Quanto às elites, há aqueles que dizem que a vida é menos importante do que o emprego. O que esperar das elites? Da elite brasileira? Qual transformação é esperada?
- Sobre a numeralização das mortes e a impossibilidade das pessoas poderem acessar seus mortos. Perde-se um pouco da humanidade na crise?
- Há discursos nacionalistas, criticando outras nações ou organizações internacionais, ainda que muitas vezes falam pela união global. O que acha dos novos nacionalismos?
- Isto é repetido na história?
- Hoje há mulheres confinadas com o agressor. Como avaliar isso?
- Tem aumentando a depressão neste momento de pandemia?



- Existe estratégia para enfrentar a crise? Estratégia para enfrentar o momento atual e se preparar para o futuro?
- Sobre a felicidade, segundo relatório da ONU, a Finlândia é o país mais feliz do mundo em 2020. O conceito de felicidade pode mudar no momento de uma pandemia?
- Depois da crise, vamos carimbar a era da solidão digital?
- Em seu livro, você diz que a principal lição da oração do pai nosso está em suas duas primeiras palavras "Pai Nosso", pois quando Jesus diz que há um pai ele reconhece o coletivo humano e eis a ideia da fraternidade humana. Será que a gente agora reconhece esse valor do Pai Nosso?



Esqueça tudo o que você sabe**(Turquia) (*1)****A crise do COVID-19 destruirá completamente o mundo como o conhecemos, suspeita o site Gazete Duvar:**

“Agora, o vencedor do dia é o morador que mora longe da cidade em um pedaço de terra do tamanho de uma toalha, grande o suficiente para cultivar os ingredientes de sua própria sopa. No entanto, o que nos espera não é uma cena rural paradisíaca, mas uma imagem de destruição. Diante de nós, existe um futuro kafkiano em que os estados, em nome da autossuficiência, erguem seus muros, reúnem e monitoram nossos dados de saúde através de um chip em nossos passaportes, e seremos observáveis a cada momento do dia. ... Uma vantagem do vírus COVID-19 é que ele abre caminho para lançarmos tudo o que sabemos e aprendemos até o momento na lixeira.”

Como ameoba**(Grécia)(*4)****A pandemia está nos roubando nossas qualidades humanas, escreve o cardiologista Thanasis Dritsas em Atenas Voice:**

“É certo que a chamada pandemia COVID-19 terminará mais cedo ou mais tarde, e a maioria de nós terá sobrevivido ao COVID-19. Mas todas as medidas de precaução, proibidas e de emergência certamente permanecerão conosco para manter uma sensação virtual de segurança que nos transformará em seres que vivem sob restrição e opressão crônicas. Estaremos tão (simplesmente) vivos quanto a estrutura primitiva de organismos biológicos elementares. ... Teremos perdido nosso caráter humano e as características da humanidade; viveremos como ameoba.”



Preservando nosso mundo para as gerações futuras

(Bulgaria)(*1)

Em um comentário em 24 Chasa, o escritor Georgi Gospodinov espera que o vírus não mude tudo:

“Minha previsão mais otimista para os próximos 20 anos é que as principais coisas permanecerão como estão, a saber, que as pessoas continuarão lendo livros e chorando pelo destino dos heróis fictícios; que eles sentirão pena e curiosidade; que aproveitarão o sol até o final do outono e a neve no inverno; que eles viajem pacificamente; que as crianças de hoje terão seus próprios filhos e que tudo será como era há 20 anos. Isso não é coisa pequena. Pelo contrário: na verdade é tudo. Acho que estamos gradualmente e com humildade (uma palavra importante) começando a entender o quanto é importante preservar o mundo de ontem e trazê-lo para amanhã.”

O mundo continuará girando sem nós

(Polônia)(*1)

Agora estamos vendo quão frágil é a nossa civilização altamente desenvolvida, escreve Piotr Płoszajski, ex-diretor geral da Academia Polonesa de Ciências, na Gazeta Wyborcza:

“A pandemia atual serve como um lembrete de nosso lugar real e altamente instável no ecossistema e na evolução em geral. ... É melhor não esquecermos que nós, humanos, somos apenas um episódio histórico, uma mega civilização brilhante que cresceu fenomenalmente em um curto período de tempo antes de se sobrecarregar porque suas próprias realizações o deixaram indefeso contra problemas autocriados. Em algum momento, uma versão super macro do Waterloo Napoleônico nos espera. ”



A importância da Filosofia em meio à crise da Covid-19

Igor Ferreira Fontes

(*2)

A quarentena por causa da pandemia do novo COVID-19 tem levado as pessoas a buscarem formas de lidar com esta situação singular. Isso levou alguns filósofos italianos a criarem o projeto *Prendiamola com Filosofia: staffetta di filosofi – strumenti pratici per affrontare la quarentena* (“Relé de filósofo - ferramentas práticas para lidar com quarentena”), que conta com duas lives realizadas (-clique para acessar o link-> [a primeira em 21/03/2020](#) e -clique para acessar o link-> [a segunda em 04/04/2020](#)) e cujo objetivo é fornecer instrumentos práticos, oriundos da Filosofia, para enfrentar a quarentena. Iniciativa que precisa receber atenção, especialmente, em tempos nos quais se usa a pandemia para tentar sufocar a Filosofia.

Quando se trata de recorrer à história da Filosofia para buscar algum filósofo ou escola filosófica que nos ajude a lidarmos com esta situação gerada pela pandemia talvez a escola estoica seja a que venha de imediato à mente. De forma bastante resumida, o estoicismo^(*3) é uma escola helênica cuja noção de felicidade consiste num estado de tranquilidade da alma, isto é, ausência de perturbação¹; os estoicos partiam de uma importante visão da natureza: nós, humanos, não temos controle sobre a natureza, isto é, não controlamos tudo o que acontece no mundo ou em nossas vidas. Precisamos reconhecer esta nossa limitação e deixarmos nossa felicidade apenas para aquelas coisas sobre as quais temos controle, porque assim a nossa felicidade dependeria apenas de nós mesmos e não de coisas que não podemos controlar; disso advém a figura estoica do sábio enquanto aquela



peessoa que reconhece sua própria impotência e conduz sua vida em conformidade com os acontecimentos, ou seja, ao invés de tentar se opor aos eventos cósmicos, o sábio se adequa a eles e a partir de então conduziria a sua vida².

O estoicismo ensina a lidar com as circunstâncias com tranquilidade, de modo que o reconhecimento da limitação de nosso poder de ação não deve nos perturbar. No contexto de isolamento social, a determinação do isolamento é feita pelos governos, isto é, escapa ao controle dos indivíduos; o que nos cabe é reconhecermos que não podemos decidir no lugar do governante e nos adequarmos, sem angústias, à nova situação de quarentena. Contudo, nós somos livres para decidirmos o que iremos fazer com o tempo disponível. Assim, mesmo que nem todos possam escolher o isolamento, cabe a nós decidirmos se passaremos os dias espionando as redes sociais de pessoas que não fazem a menor diferença na nossa vida ou se usaremos esse tempo para fazermos algo que nos faça bem.

Existencialismo

A situação de quarentena nos põe questões existenciais, como atentou Richard Tarnas em sua participação no Prendiamola com Filosofia do dia 04/04/2020, e é uma oportunidade para fazermos uma investigação filosófica sobre nossas vidas. Em sua fala Tarnas observou que a quarentena nos faz refletir sobre a vida que conduzíamos antes e como agiremos depois. Alain de Botton, em sua fala na live, entende ainda que a quarentena mudará nosso modo de ver o tempo, pois ao passarmos o dia inteiro em casa dificilmente continuaremos pensando que a vida é curta, mas perceberíamos que somos nós que a encurtamos ao levarmos uma vida corrida e, após a



quarentena, ele espera que reduzamos a velocidade para aproveitar melhor a vida. Assim, a quarentena é uma oportunidade para nos colocarmos questões importantes a respeito de nossas próprias vidas, como por exemplo: eu tenho vivido a minha vida ou tentado viver a vida de outrem? Eu tenho aproveitado o meu tempo disponível para fazer coisas que me agradam e me fazem bem ou passo o meu tempo me lamentando e destruindo minha saúde? Eu tenho levado uma vida prazerosa ou estou sempre sob estresse e angústia? Ao que e a quem eu tenho dado maior prioridade no meu tempo? Quem são as pessoas que eu quero perto de mim e por que? A vida que eu tinha antes da quarentena é a mesma que eu quero ter depois?

Outra reflexão que surge a partir da questão do uso do tempo é a da suposta utilidade ou inutilidade das coisas. Há algum tempo vem-se dizendo no Brasil que a Filosofia e as artes não servem para nada e deveriam ser negligenciadas; contudo, se prestarmos atenção, é justamente a esses saberes que estamos recorrendo nesse período. Não me interessa aqui a visão exposta por Aristóteles na Metafísica segundo a qual as coisas inúteis são superiores porque são um fim em si mesmo e por isso a Filosofia é superior a todos os saberes, afinal a Filosofia não seria serva para servir a algo, mas soberana. Me interessa observar que, em meio ao discurso de “valorizar o que é útil”, nem todos ainda perceberam que 98% ou 99% do que fazemos em nossas vidas é “inútil”. Observemos o critério para as medidas de isolamento: o que determina quais coisas são essenciais é a subsistência. As únicas coisas “necessárias” à vida são água e alimentos, TODO o resto é “inútil” e nós passamos quase todo o nosso tempo fazendo “coisas inúteis”; mas nós as fazemos porque nos dão prazer e alegram a vida, por isto que



muitas pessoas estão desesperadas ou entediadas: porque não podem fazer essas “coisas inúteis” que lhes dão prazer e uma vida conduzida apenas com base no que é “necessário” é uma vida que ninguém quer. Essa situação nos mostra que precisamos de certas coisas para vivermos que não são necessárias à sobrevivência: e, como desafiou o (clique para acessar o link->) escritor Stephen King, se você acha que artistas são inúteis, tente passar a quarentena sem filmes, séries, músicas, poemas, livros e pinturas – e aqui eu incluiria também videogames e qualquer tipo de entretenimento.

O isolamento e o distanciamento social também têm nos mostrado uma coisa que a Filosofia e a Psicologia já sabiam: nós precisamos do contato com os outros. É conhecida a afirmação de Aristóteles de que nós humanos somos animais políticos porque dependemos dos outros para vivermos; mas, como destacou Lucrezia Ercoli na live, antes de Aristóteles a filósofa Diotima de Mantinea já argumentava que para vivermos e até para amarmos nós precisamos do contato carnal com os outros, porque tudo partiria do corpo. Isso pode ser observado num belíssimo vídeo do canal Casa Surace, no qual perguntam aos italianos qual será a primeira coisa que farão quando saírem da quarentena e a quase totalidade das respostas seria abraçar alguém que amam, ou mesmo um desconhecido, porque sentiam uma necessidade enorme de (clique para acessar o vídeo->) dar um abraço e, dessa forma, terem contato (corporal) com os outros. E, atualmente, todos os estudos sérios sobre felicidade mostram que relações de qualidade são fundamentais, ou seja, que precisamos de outras pessoas (clique para acessar o vídeo->) para sermos felizes.



A pandemia também foi responsável por mudanças no mundo do trabalho e da educação. Na live Maura Guancitano, ao discutir o pensamento de Hannah Arendt, questiona em que medida as noções de trabalho desenvolvidas por Marx e Adam Smith teriam contribuído para o modo de vida que levamos e, conseqüentemente, em que medida eles seriam responsáveis por estarmos vivendo isolados. Ademais, viu-se uma rápida transferência do trabalho para o mundo virtual, mas alguns problemas surgem: em que medida esse processo acentuará as desigualdades socioeconômicas? Quais as conseqüências para a saúde? Como ficaria a socialização das pessoas se retirarmos o ambiente comum de trabalho? Poderia aumentar o número de empregadores que não respeitam os horários de trabalho e obrigam os funcionários a trabalharem fora do expediente sem pagarem horas extras?

Quanto à educação, em sua fala na live Yuval Noah Harari menciona que as universidades, que vinham levando 20 anos para transferirem suas atividades para a internet, em uma semana se viram obrigadas a transferirem tudo para a internet. O mesmo ocorreu nas escolas, mas alguns problemas do contexto brasileiro surgem: considerando que apenas 67,5% da população ([clique para acessar o link->](#)) utiliza internet, as que não possuem ficariam excluídas do processo educativo? Como seria possível adotar o EaD se as operadoras brasileiras conseguirem limitar a franquia de população ([clique para acessar o link->](#)) dados? Para as aulas online precisaríamos abandonar as metodologias ativas que dão mais autonomia aos alunos e tornam as aulas mais dinâmicas para voltarmos ao tipo de aula em que só o professor fala? Quanto à estrutura das aulas, o professor gravaria uma aula que ficaria disponível para os alunos assistirem quando



quisessem ou seria feita uma transmissão no horário da aula? Se fosse adotado o primeiro caso, como o professor poderia acompanhar o desenvolvimento da turma e tirar dúvidas dos alunos? Se fosse adotado o segundo caso, as famílias que possuem mais de um filho, mas apenas um computador, teriam que escolher qual filho assistiria à aula? Como assegurar que os alunos de fato assistam às aulas, especialmente para as famílias que não podem deixar um adulto em casa para fiscalizar as crianças/adolescentes? E os problemas de visão causados por se passar tanto tempo na frente de uma tela? Onde as crianças desenvolveriam suas habilidades sociais?

Outro problema que a Filosofia nos convida a refletir é sobre como será o mundo em termos políticos pós-pandemia. Alguns dizem que essa situação é uma oportunidade, afinal depois da Peste Negra veio o Renascimento; contudo, o que não está sendo dito é que a Peste Negra foi responsável pela redução da liberdade política e econômica. Tomemos como exemplo o caso de Florença, o berço do Renascimento: antes da Peste Negra em 1348 a cidade enfrentou três crises alimentares, a primeira de 1328 a 1330, a segunda de 1339 a 1341 e a terceira de 1346 a 1347. Antes o governo quase não interferia no comércio e se restringia a reunir alimentos para os períodos de carestia; mas como consequência de todas essas crises o governo florentino se viu obrigado a aumentar sua política de manutenção de alimentos, o que resultou em maiores interferências no comércio. Estas interferências também se fizeram necessárias por causa da falência de inúmeros comerciantes, causada pela drástica redução populacional. Ademais, durante a segunda metade do século XIV o governo foi ocupado pela oligarquia que aproveitou a ocasião para adotar políticas que



beneficiassem suas atividades e restringissem a participação do povo nos cargos públicos³. Em suma, a consequência direta da Peste Negra em Florença foi a concentração do poder pela oligarquia e o enfraquecimento da participação popular nas decisões da república, o que resultou na perda das liberdades política e econômica.

As mudanças políticas são outras preocupações dos filósofos porque medidas que estão sendo tomadas agora para conter o novo COVID-19 podem beneficiar regimes autoritários. Na Coreia do Sul, por exemplo, o governo criou um aplicativo que tem acesso à localização da pessoa e permite acompanhar os movimentos dela para saber se ela está ou não onde deveria estar; na China, além desses dados, monitora-se também os fluxos aéreo e rodoviário dos população (clique para acessar o vídeo->) cidadãos. Na Hungria, a fim de combater a pandemia, o Parlamento permitiu ao primeiro-ministro governar por decreto por tempo indeterminado, sem precisar do aval do Legislativo, podendo suspender leis e sessões do Parlamento e cabendo ao primeiro-ministro o poder de decidir quando acabará o período de população (clique para acessar o link->) emergência; No (clique para acessar o link->) Brasil o governo vai ter acesso aos dados das operadoras de celulares para identificar onde há população (clique para acessar o link->) aglomerações de pessoas. Na Rússia, apesar de poucos casos confirmados, Lia Quartapelle conta em sua participação na live que o governo determinou quarentena e as pessoas só poderiam sair de casa se possuírem um código QR em seu celular que as autorize a sair. Mesmo que algumas dessas medidas sejam importantes para se tentar conter o novo COVID-19, Yuval Noah Harari, em sua participação na live, destaca que esse pode ser o começo de um aumento do totalitarismo



no mundo, no qual os governos controlariam a movimentação dos cidadãos e teriam acesso a inúmeros dados deles, inclusive a dados de seus organismos (do controle da temperatura a outros dados que poderiam ser obtidos por aplicativos que monitoram a saúde dos usuários). Teme-se que todo este controle seja prorrogado por regimes já autoritários e usado para seguirem rumo ao população (clique para acessar o link->) totalitarismo.

Para concluir, em tempos de isolamento a Filosofia é, como observa Moreno Montanari na live, uma forma de se buscar uma via para lidar com a quarentena e uma nova forma de se pôr ao mundo, permitindo que, como disse Richard Tarnas na live, reflitamos sobre nossas vidas, como as temos conduzido e como as conduziremos quando sairmos da quarentena. A Filosofia, portanto, assume diversos papéis neste momento, atuando como um instrumento para que possamos enfrentar melhor a pandemia; ou para que possamos fazer bom uso do tempo disponível e façamos uma investigação cujo objeto a ser investigado é o nosso próprio eu; ou que nos permita pensarmos de que modo a pandemia afetará o mundo, avaliando as mudanças, os benefícios e problemas e como poderíamos nos preparar para tal; ou ainda para avaliarmos como os governos agiram no combate ao vírus, onde acertaram e erraram e quais os desafios políticos que toda essa situação nos lança. Essas são apenas algumas possibilidades, e de uma esfera particular a uma coletiva, a Filosofia torna-se importante para pensarmos como enfrentaremos, no presente e no futuro, as consequências da pandemia.



1 Cf. MARCONDES, D. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

2 Cf. TOGNI, P. Stoicismo. In: ECO, U.; FEDRIGA, R. (a cura di). Storia della Filosofia vol.1: Antichità e Medioevo. Roma-Bari: Laterza & Figli; Milano: EM Publishers, 2014, p.1107-1157. Edizione digitale.

3 Cf. FRANCESCHI, F. Intervento del potere centrale e ruolo delle arti nel governo dell'economia fiorentina del trecento e del primo quattrocento. Linee generali. Archivio Storico Italiano, Firenze, v.151, n.558, Disp.IV (ottobre-dicembre), p.863-909, 1993; e FIUMI, E. Fioritura e decadenza dell'economia fiorentina. Archivio Storico Italiano, Firenze, v.117, n.4 (424), p.427-502, 1959.



Yuval Harari aponta os cenários pós-pandemia

Luiza Sahd (doTAB UOL)

(*4)

Embora recuse com veemência o rótulo de guru dos anos 20, o historiador, professor universitário e escritor israelense Yuval Noah Harari acabou se tornando um dos pensadores contemporâneos mais requisitados do mundo após a publicação do livro "Sapiens - Uma breve história da humanidade"(*5), em que resume 70 mil anos de história da nossa espécie. Traduzido para mais de 45 idiomas, o autor cativou leitores como Barack Obama, Bill Gates e Mark Zuckerberg.

Considerado a voz do bom senso até pelos poderosos do Vale do Silício, Harari mantém seu trabalho de futurologia consistente. Em um artigo publicado pelo jornal inglês Financial Times na última sexta-feira (20), o autor tratou do cenário global pós-pandemia – e não foi tão pessimista quanto a maioria de nós tem sido perante uma crise global como essa, sem precedentes. Aqui, resumimos as apostas do historiador sobre o impacto do novo COVID-19 para a humanidade.

Sim, tudo vai mudar – já está mudando. Para Harari, a mobilização global em torno da Sars-Cov-2 não terá implicações apenas na forma como organizamos nossos sistemas de saúde, mas também deve moldar a maneira como estruturamos a economia, a política e a cultura para o futuro – tudo isso com base em decisões rápidas e emergenciais, tomadas em meio àquela que (com sorte) será a maior crise vista pela nossa geração. "Ao escolher entre alternativas, devemos nos perguntar não apenas como superar a ameaça imediata, mas também que tipo de mundo habitaremos quando a



tempestade passar. Sim, a tempestade passará, a humanidade sobreviverá, a maioria de nós ainda estará viva – mas habitaremos um mundo diferente", explica. A natureza de emergências como a do novo COVID-19, diz o autor, fazem com que processos históricos avancem muito rapidamente. "As decisões que em tempos normais podem levar anos de deliberação são aprovadas em questão de horas. Tecnologias imaturas e até perigosas são colocadas em serviço porque os riscos de não fazer nada são maiores. Países inteiros servem como cobaias em experimentos sociais em larga escala. O que acontece quando todos trabalham em casa e se comunicam apenas à distância? O que acontece quando escolas e universidades inteiras ficam online? Em tempos normais, governos, empresas e conselhos educacionais nunca concordariam em realizar tais experimentos. Mas esses não são tempos normais", conclui.

Vigilância 'sobre a pele' X 'sob a pele' são bem diferentes. No auge da crise, Harari acredita que a humanidade será exposta a alguns dilemas éticos importantes. O primeiro seria escolher entre vigiar a população de forma totalitária – já que esta é a primeira vez na história da humanidade em que a tecnologia permite monitorar todos o tempo todo – ou empoderar o público com boa informação como forma de preservar vidas. Se o monitoramento de cidadãos por câmeras, drones e algoritmos que fazem parte do nosso dia a dia já não parece mais coisa de ficção científica, o autor lembra que a pandemia poderia abrir um precedente perfeito para que governos monitorem a saúde de cada indivíduo (e sob a pele), controlando dados como pressão arterial, temperatura corporal e histórico médico, sob o pretexto de conter a disseminação dessa epidemia ou evitar situações semelhantes ao surto de Sars-Cov-2 no futuro. "Se as empresas e os governos



começarem a coletar nossos dados biométricos em massa, eles podem nos conhecer muito melhor do que nós mesmos, e podem não apenas prever nossos gostos e sentimentos, mas também manipular o que sentimos para vender o que quiserem — seja um produto ou um político." Aos entusiastas da vigilância biométrica como medida temporária tomada durante um estado de emergência, Harari lembra que medidas temporárias têm o hábito desagradável de superar as emergências: "Meu país natal, Israel, por exemplo, declarou estado de emergência durante a Guerra da Independência de 1948, que justificava uma série de medidas temporárias, desde censura à imprensa e confisco de terras a regulamentos especiais para fazer pudim (não estou brincando). A Guerra da Independência está vencida há muito tempo, mas Israel nunca declarou a emergência encerrada, e falhou em abolir muitas das medidas 'temporárias' de 1948 (o decreto de pudim de emergência foi misericordiosamente abolido em 2011)."

Privacidade é sinônimo de segurança. Para o autor, a crise do COVID-19 pode ser o ponto de inflexão da batalha pelos nossos próprios dados, porque quando as pessoas precisam escolher entre privacidade e saúde, geralmente escolhem a saúde. A escolha mais acertada que os líderes políticos podem fazer nesse momento é a de munir os cidadãos de informações corretas, com embasamento científico, para que cada um cuide da própria saúde — como estamos fazendo até aqui. "O monitoramento centralizado e punições severas não são a única maneira de fazer as pessoas cumprirem diretrizes benéficas. Quando as pessoas são informadas dos fatos científicos e quando elas confiam nas autoridades públicas para lhes contar esses fatos, os cidadãos podem fazer a coisa certa mesmo sem um Big Brother vigiando seus ombros. Uma população motivada e bem informada é geralmente



muito mais poderosa e eficaz do que uma população ignorante e policiada", explica Harari. "Considere, por exemplo, lavar as mãos com sabão. Este foi um dos maiores avanços de todos os tempos na higiene humana. Essa ação simples salva milhões de vidas todos os anos. Embora tomemos como gesto banal, foi apenas no século 19 que os cientistas descobriram a importância de lavar as mãos com sabão. Antes, mesmo médicos e enfermeiros passavam de uma operação cirúrgica para outra sem lavar as mãos. Hoje, bilhões de pessoas lavam as mãos diariamente – não porque têm medo da polícia, mas porque entendem os fatos. Lavo minhas mãos com sabão porque ouvi falar de vírus e bactérias, entendo que esses pequenos organismos causam doenças e sei que o sabão pode removê-las."

E se a autoridade não confia na ciência? Harari lembra em sua análise que, para atingir um nível global de conformidade e cooperação análogo ao hábito cotidiano de lavar as mãos, precisaremos confiar na ciência, nas autoridades públicas e na mídia. "Nos últimos anos, políticos irresponsáveis minaram deliberadamente a confiança na ciência, nas autoridades públicas e na mídia. Agora, esses mesmos políticos irresponsáveis podem ficar tentados a seguir o caminho do autoritarismo, argumentando que você simplesmente não pode confiar na mídia ou na ciência para fazer a coisa certa. Normalmente, a confiança que foi corroída por anos não pode ser reconstruída da noite para o dia -- mas estes não são tempos normais. Em um momento de crise, as mentes também podem mudar rapidamente. Você pode ter discussões amargas com seus irmãos por anos, mas quando ocorre uma emergência, você descobre subitamente um reservatório oculto de confiança e amizade e se apressa para ajudar ao outro. Em vez de construir um regime de vigilância, não é tarde demais para recuperar a confiança das



peessoas na ciência, nas autoridades públicas e na mídia. Definitivamente, também devemos fazer uso de novas tecnologias, mas essas tecnologias devem capacitar os cidadãos. Sou totalmente a favor de monitorar a temperatura corporal e a pressão sanguínea, mas esses dados não devem ser usados para criar um governo todo-poderoso. Em vez disso, esses dados devem permitir que eu faça escolhas pessoais mais bem-informadas e também responsabilize o governo por suas decisões."

Precisamos de um plano global. Na visão do historiador, a pandemia é um grande teste global de cidadania. "Nos próximos dias, cada um de nós deve optar por confiar em dados científicos e especialistas em saúde em detrimento de teorias infundadas da conspiração e de políticos que servem a si mesmos. Se conseguirmos fazer a escolha certa, poderemos manter nossas liberdades mais preciosas – essa é, possivelmente, a única maneira de proteger nossa saúde de verdade", afirma. Outro dilema ético decisivo para a humanidade, de acordo com ele, seria optar entre isolamento nacionalista e solidariedade global para superar os efeitos da pandemia em todos os setores sociais. "Um COVID-19 na China e um COVID-19 nos EUA não podem trocar dicas sobre como infectar humanos. Mas a China pode ensinar aos EUA muitas lições valiosas sobre o COVID-19 e como lidar com isso. O que um médico italiano descobre em Milão no início da manhã pode muito bem salvar vidas em Teerã à noite. Quando o governo do Reino Unido hesita entre várias políticas, pode obter conselhos dos coreanos que já enfrentaram um dilema semelhante há um mês. Mas, para que isso aconteça, precisamos de um espírito de cooperação e confiança global", completa, e lembra que os países devem estar dispostos a compartilhar informações de maneira aberta e humilde, procurar aconselhamento uns dos outros e



confiar nos dados e nas ideias que recebem para superar, com o menor estrago possível, uma crise dessa proporção – e desse ineditismo.



A sociedade pós-COVID-19: Nada será como antes

Marília Cardoso

(*6)

Se você é do tipo que está ansioso pelo fim da quarentena para retomar sua vida exatamente do ponto que ela parou, sinto em lhe informar: você está iludido. Mesmo que esse período acabe o mais rápido possível, não haverá volta ao normal. Nada será como antes. Teremos que construir um novo normal, uma nova sociedade. Nesse exato momento, estamos vivendo uma mistura do que não é mais com o que não existe ainda. Uma fase marcada por transição e incertezas.

Em 1999, quando o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, falecido em 2017, lançou o livro *Modernidade Líquida*, não se podia imaginar um vírus capaz de paralisar nações. Ainda assim, naquela época, ele já havia notado que o século XXI não seria mais como o século XX. Segundo ele, antes, os valores se transformavam em ritmo lento e previsível. Tínhamos algumas certezas e a sensação de controle sobre o mundo – sobre a natureza, a tecnologia, a economia. Mas, acontecimentos da segunda metade do século XX, como a instabilidade econômica mundial, o surgimento de novas tecnologias e a globalização, criaram um mundo líquido, no qual as coisas são tão rápidas e efêmeras que não há tempo suficiente para se solidificar.

Nessa passagem do mundo sólido para o líquido, Bauman chama atenção para a liquefação das formas sociais: o trabalho, a família, o engajamento político, o amor, a amizade e, por fim, a própria identidade. Essa situação produz angústia, ansiedade constante e o medo líquido: temor do



desemprego, da violência, de ficar para trás, e principalmente de não se encaixar mais nesse novo mundo que muda num ritmo cada vez mais veloz. A pandemia do COVID-19 só intensificou e deve continuar intensificando esse processo de liquidez.

O isolamento social imposto pelo governo aos cidadãos - até então livres - desperta uma série de reflexões. Se antes, boa parte do nosso tempo era gasto indo e voltando do trabalho, hoje estamos dentro de casa, com um tempo extra que simplesmente muitos desconheciam. Se a semana era dividida entre cinco dias de trabalho e dois de lazer, hoje há e-mails importantes chegando aos domingos à noite. Ou seja, os padrões industriais que nos foram ensinados começam a perder sentido. Estamos sendo obrigados a conviver mais com a família do que com os colegas de trabalho ou faculdade. Somos obrigados a cozinhar em casa, em vez de irmos a restaurantes. Somos estimulados a buscar alternativas de entretenimento e atividade física sem sair das nossas salas.

Por mais que, nesse momento, a maioria sinta que assim que o isolamento for suspenso voltaremos para as ruas a fim de tirar o atraso, pode ser que não seja bem assim. Pelo menos, não para todo mundo. E, pode até ser que isso aconteça, mas por um curto período de tempo. A maioria irá analisar sobre a real necessidade de atravessar cidades diariamente sendo que é possível entregar a mesma - ou até mais - qualidade e produtividade no trabalho estando dentro de sua própria casa.

Embora pareça uma reflexão nova, em 1980, Alvin Toffler, um dos maiores futuristas que o mundo já viu, falecido em 2016, apresentou o conceito de



“cabanas eletrônicas” em seu livro A Terceira Onda. Nele, Toffler defende que colaboradores de “colarinho branco”, que não precisam colocar “a mão na massa” nas indústrias, não precisam se locomover diariamente para os grandes centros. Ele calcula - com as tecnologias disponíveis naquela época - a vantagem do investimento em telecomunicação em detrimento do gasto com transporte. Ressalta ainda os benefícios na redução do trânsito, acidentes, infraestrutura e principalmente no meio ambiente.

No fundo, não há nenhuma novidade nisso. Na era agrícola, chamada por Toffler de primeira onda, as famílias moravam e trabalhavam todas juntas, cultivando alimentos para consumo próprio nas suas pequenas propriedades. Com o advento da revolução industrial, que ele chama de segunda onda, as famílias que antes eram compostas por avós, tios e outros agregados passam a ser compostas apenas por pais e filhos, que dividem pequenos espaços em grandes centros, onde eram localizadas as fábricas. Na era digital, ou terceira onda, a tecnologia permite que nossas casas sejam muito mais bem equipadas que as próprias fábricas do início do século XX, que muitas vezes não tinham nem energia elétrica.

Outro conceito amplamente difundido no livro é o de prossumidor. Segundo o futurista, as pessoas da era digital buscam a constante desmassificação, querendo ser únicas, autênticas. Para isso, preferem elas mesmas construir seus próprios produtos. Em vez de serem meros consumidores passivos do que as grandes fábricas produzem, elas fundem o conceito de produtor com o de consumidor, tornando-se prossumidores. Elas adotam o estilo “faça você mesmo” e conquistam a customização até



então inimaginável. Com a popularização do YouTube, em que é possível aprender a fazer praticamente qualquer coisa, esse comportamento tem se acentuado cada vez mais.

O que Toffler e Bauman não tiveram tempo de abordar em suas obras é o impacto que tecnologias como Blockchain e impressoras 3D podem representar à chamada sociedade 5.0. Esse conceito, cunhado pelo governo japonês em 2016, no lançamento do 5º Plano Básico de Ciência e Tecnologia, aponta para o desenvolvimento de soluções tecnológicas cujo foco é o bem-estar do ser humano, a qualidade de vida e a resolução de problemas sociais. Trata-se de um modelo de organização social, em que tecnologias como Big Data, Inteligências Artificial e Internet das Coisas são usadas para criar melhorias para a vida em sociedade.

O que a pandemia de COVID-19 está fazendo, a meu ver, é acelerar esse processo de transformação digital e de curva de adoção de tecnologias exponenciais para o bem comum. No caso do Blockchain, por exemplo, estamos falando da possibilidade de uma sociedade auto-gerenciável, sem a necessidade de governos ou órgãos reguladores. Uma sociedade totalmente desmassificada e distribuída, em vez de aglomerada em centros urbanos. Honestamente, não sei se estamos socialmente preparados para tamanha mudança, mas a situação favorece reflexões desse tipo.

No caso das impressoras 3D, a realidade parece muito mais próxima. Se as pessoas querem produzir elas mesmas, a impressão 3D e 4D faz com que qualquer um se torne uma mini fábrica. O impacto na estratégia e logística



de mercado como conhecemos hoje é total. Indústrias deixarão de fazer produtos manufaturados para nos entregar pequenas quantidades de matéria-prima para que nós mesmos, dentro de nossas cabanas eletrônicas hiperconectadas, possamos criar objetos únicos, exclusivos e que atendam perfeitamente às nossas expectativas e não às necessidades das massas.

Em suma, ainda é cedo para saber os reais impactos da pandemia no curto, médio e longo prazo. Mas, o fato é que muitas coisas irão mudar daqui para a frente. Muitos modelos de negócios devem deixar de existir para dar lugar a novos. Muitos pais vão rever seus papéis na educação dos filhos. Muitas escolas irão procurar alternativas para preparar os profissionais para o futuro - e não mais para o passado, como a maioria vinha fazendo. De fato, uma nova sociedade irá nascer a partir de 2020. Torço para que seja muito melhor.



O COVID-19 nos mostra que a realidade é distópica

Antonio Bucci

Quando somos educados normalmente nos passam uma ideologia, seja política ou seja religiosa, depois, na medida que vamos evoluindo, passamos por uma fase de contestação até chegar à “nossa verdade incontestável”, daí começamos a ter uma análise “linear” do mundo. Todavia, noto que isto é uma ideia utópica^(*), onde vemos as coisas através de uma “lente” ideológica, mas não vemos as pessoas e a realidade como são. Aí vem um acontecimento não previsto, o que provoca uma verdadeira revolução e que por fim nos mostra o quanto nossa “lente” estava “opaca” e não conseguiu antever ou nos dar um “modus operante” neste novo cenário.

O mundo é distópico por excelência e nunca temos a certeza de nada. Cada caso é um caso e somente depois que os fatos acontecem de uma forma que não prevíamos é que nos damos conta o quanto estávamos vendo o mundo de forma projetiva.

Segundo Nassim Nicholas Taleb, professor de finanças, escritor e o ex-analista de Wall Street cita no livro “A lógica do Cisne Negro escrito” ^(*), escrito em 2007 - a história é opaca.

Ele diz:

- Você vê os resultados, mas não vê o roteiro que produz eventos, o gerador da história. Há uma incompletude fundamental na percepção dos eventos, já que não se vê o que está por dentro da máquina, como os mecanismos funcionam. O que chamo de gerador de eventos históricos é diferente dos próprios eventos, da mesma forma que as mentes dos deuses não podem ser lidas somente através da observação de seus feitos. É muito provável que você seja enganado sobre as intenções deles.



A mente humana é afligida por três males quando entra em contato com a história, o que chamo de terceto da opacidade. Eles são:

- a. a ilusão da compreensão, ou como todos acham que sabem o que está acontecendo em um mundo que é mais complicado (ou aleatório) do que percebem;*
- b. a distorção retrospectiva, ou como podemos abordar assuntos somente após o fato, como se estivessem em um espelho retrovisor (a história parece mais clara e organizada nos livros de história do que na realidade empírica), e*
- c. a supervalorização da informação factual e a deficiência de pessoas com conhecimentos profundos e muito estudo, particularmente quando criam categorias e “Platonizam” (simplificam demais uma realidade para poder generalizar)”.*

Taleb argumentou que os eventos do cisne negro são impossíveis de prever devido à sua extrema raridade (como o COVID-19 e daí a sua obra ser extremamente oportuna). No entanto, eles têm consequências catastróficas. Como resultado, era fundamental que as empresas e as pessoas sempre assumissem que um evento de cisne negro era possível e assim se planejassem adequadamente. Mas não foi o que aconteceu.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou COVID-19 uma emergência de saúde pública em escala internacional. O COVID-19 tornou-se um evento do cisne negro, uma tragédia humana e impactando governos e empresas com perturbações e riscos sem precedentes. É uma crise que tem implicações profundas para todo mundo. Desde o fechamento total ou parcial das fábricas, as interrupções na cadeia de suprimentos, a escassez de mão-de-obra e o estresse no fluxo de caixa, todos estamos sentindo o choque comercial e financeiro do surto de COVID-19.



Mas tenha em conta que nem todos ficaram foram totalmente surpreendidos, como é o caso de Bill Gates, no famoso vídeo produzido para o TED2015^(*9) “The next outbreak? We're not ready” (O próximo surto? Não estamos prontos) onde ele dá detalhes sobre como os EUA não estavam preparados para um surto epidemiológico, fato que hoje é facilmente comprovável.

Como as empresas e as pessoas podem tentar reformular e reverter os resultados negativos e assim planejar uma recuperação do COVID-19 à medida que todos lidamos com um evento do cisne negro? (reformulando a pergunta da página 2)

Foi tentando reunir material de estudo para responder inicialmente esta questão que desenvolvi esta coletânea de artigos (todos obtidos diretamente na Web) que procuram analisar os impactos e possíveis cenários futuros pós pandemia do COVID-19.

Buscando ter pontos de vista que partam do indivíduo comecei por abordar o tema comportamental (seção **Comportamento**) e reuni os artigos acima.

Os impactos que a pandemia do COVID-19 trará para a sociedade é uma questão que demandará muitas reflexões por parte das instituições governamentais, empresas, academia e indivíduos, mas os especialistas apostam no Renascimento Digital (como mostram a sequência dos artigos na seção **Tecnologias**). Trata-se de uma revolução - COVID-19 - encontrando A quarta Revolução Industrial^(*10) e como a mesma está começando a reagir.



Segundo o autor, o Prof. Dr. Schwab (2017, p.23), esta nova revolução industrial que começamos a conhecer, semelhante às anteriores, também está eliminando limites. Os limites que estão sendo eliminados são os limites entre os mundos físico, digital e biológico. Diferentemente das anteriores esta revolução não é fruto do desenvolvimento de uma única tecnologia, mas sim de várias tecnologias, como a inteligência artificial, a internet das coisas, a biotecnologia, etc.

No tópico (**Economia**) damos mais detalhes sobre as visões de pensadores globais de como a economia cuidará da pandemia do COVID-19 e se este evento irá gerar para sempre uma nova ordem econômica e financeira mundiais.

Segundo essas análises econômicas as várias economias da Ásia, principalmente China continental, Hong Kong, Coréia, Japão e Cingapura, se prepararam para uma desaceleração econômica de curto prazo. Eles implementaram ou estão pensando em implementar várias medidas de estímulo econômico para mitigar o impacto.

À medida que as empresas navegam na atual crise do COVID-19, tema da seção **Gestão**, há uma série de questões importantes que os líderes devem pensar, bem como as medidas que podem ser tomadas para reformular seus negócios e planejar a recuperação.



A economia comportamental pode ser inestimável aqui. Empresas de vários setores já estão trazendo conhecimento comportamental para salas de diretoria e escritórios executivos; na nova normalidade pós-COVID-19, esses recursos devem ser ainda mais valiosos.

Adicionalmente recomendo que assistam as entrevistas de Leandro Karnal e Luiz Pondé deram para a CNN^(*11) recentemente pois eles abordam o assunto COVID-19 tanto pela perspectiva geral/comportamental, como também pela ótica internacional e pela visão/impactos no Brasil. Respondem questões relacionadas principalmente com os seguintes assuntos:

Educação

Um dos setores da sociedade impactados é o educacional, afirma. "A tendência à escola perder o fetiche da presença já estava marcada. Mas ela continua precisando de bons professores, que preparem bons materiais e desenvolvam uma habilidade a que não foram treinados, como virarem youtubers."

Desigualdades

No caso do Brasil, as famílias encaram de maneira diferente a pandemia, de acordo com o poder aquisitivo. "Não existe uma elite brasileira, existem várias elites. Aqui, o que a epidemia trouxe à tona, de forma cristalina, é uma desigualdade tão brutal, evidente, que até para a morte somos distintos. As classes média e alta envolvem um debate sobre como lidar com o tédio e



com as crianças em casa. A classe mais baixa pensa em sobreviver e o risco de perder o emprego. Somos um país que já estava imerso na informalidade, e ela foi atingida como um raio pela epidemia", diz o historiador.

Futuro

Por fim, Karnal aconselha. "Seja feliz, não espere o futuro, não dá para acreditar que a felicidade será sempre adiada para um próximo momento."



Sobre o GrupoTreinar



grupotreinar.com.br

“Somos uma rede de valor com foco em treinamento e capacitação profissional oferecendo mais de 230 ofertas em 23 áreas de conhecimento distintas e temos como missão ser um Canal de Divulgação e Distribuição de nossos parceiros de conteúdo”.

Estabelecemos e aprimoramos um processo contínuo para a localização de especialistas e captação automática de conteúdos significativos. Todos os quesitos postados são avaliados, bem como as qualificações do Professor ou Consultor, pois atuamos em conformidade com a ISO 10015* e assim asseguramos aos nossos clientes toda qualidade exigida.

Dispomos de um ambiente tecnológico completo para apoio na captação, publicação e divulgação destes conteúdos e nossa tecnologia possibilita capacitações e consultorias “online” de forma síncrona ou assíncrona.

“Mantemos uma central de relacionamento com os clientes, sendo que já atendemos mais de 300 das 500 maiores empresas nestes mais de onze anos de atuação.”

Antonio Bucci – CEO



Alguns Clientes Corporativos



*(ABNT NBR ISO 10015:2001 Gestão da Qualidade - Diretrizes para Treinamento)

[<<Clique aqui>>](#) para acessar a Relação Completa e Atualizada dos conteúdos do Grupo Treinar

[<<Clique aqui>>](#) para acessar mais de 200 artigos em nosso Blog



Colaboradores desta coletânea

(em ordem alfabética)

Antonio Bucci

<https://www.linkedin.com/in/antoniobucci/>

<https://twitter.com/GrupoTreinar>

<https://www.facebook.com/antonio.bucci.923>

<https://www.instagram.com/antoniobucci/?hl=pt>

Contato: (11)4063-0077 // atendimento@grupotreinar.com.br

Claudio Próspero

<https://www.linkedin.com/in/cprospero/>

Luiz Bucci

<https://www.linkedin.com/in/luizbucci/>



Fontes de referências

Notem que toda referência está em hiperlink criado através da utilização **Bitly** (<https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/bit-ly.html>) e a data que está ao lado corresponde quando foi efetuado o “encurtamento” da URL original porque talvez algumas delas poderão ser “deletadas” da web no futuro. Notem que já de início destaco o quanto é importante se ter referências seguras e confiáveis.

(*1)

O Covid-19 mudará o mundo como o conhecemos? | eurotopics.net

<https://bit.ly/2Y7cueX> (26/04/2020)

<https://www.eurotopics.net/en/237685/will-covid-19-change-the-world-as-we-know-it>

(*2)

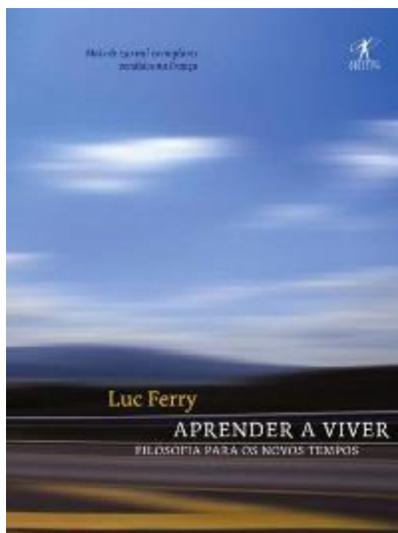
A importância da Filosofia em meio à crise da Covid-19

<https://bit.ly/2VqkiGO> (22/04/2020)

<https://diplomatie.org.br/a-importancia-da-filosofia-em-meio-a-crise-da-covid-19/>

(*3)

Aprender a Viver - Filosofia para os Novos Tempos



Luc Ferry

<https://bit.ly/2xhZtEc> (10/04/2020) (Download Gratis)



(*4)

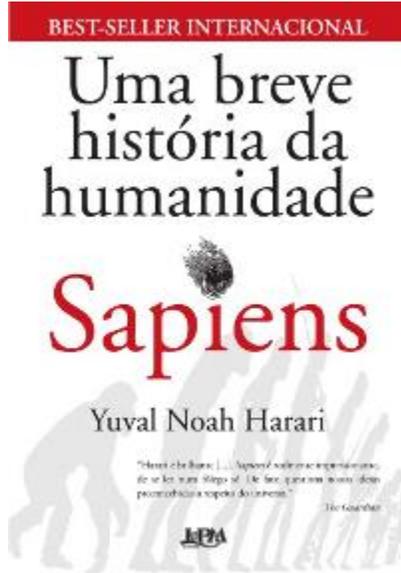
'Guru' dos nossos tempos, Yuval Harari aponta os cenários pós-pandemia

"As decisões que em tempos normais podem levar anos de deliberação são aprovadas em questão de horas. Tecnologias imaturas e até perigosas são colocadas em serviço porque os riscos de não fazer nada são maiores. Países inteiros servem como cobaias em experimentos sociais em larga escala. O que acontece quando todos trabalham em casa e se comunicam apenas à distância? O que acontece quando escolas e universidades inteiras ficam online? Em tempos normais, governos, empresas e conselhos educacionais nunca concordariam em realizar tais experimentos. Mas esses não são tempos normais"

<https://bit.ly/3atFlxl> (29/03/2020)

<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/28/guru-dos-nossos-tempos-yuval-harari-aponta-os-cenarios-pos-pandemia.htm>

(*5)

Uma Breve História da Humanidade

Yuval Noah Harari

<https://bit.ly/2Xrw4lG> (10/04/2020) (Download Gratis)

(*6)

A sociedade pós-COVID-19: Nada será como antes

"O que a pandemia de COVID-19 está fazendo, a meu ver, é acelerar esse processo de transformação digital e de curva de adoção de tecnologias exponenciais para o bem comum. No caso do Blockchain, por exemplo, estamos falando da possibilidade de uma sociedade auto-gerenciável, sem a necessidade de governos ou órgãos reguladores. Uma sociedade totalmente desmassificada e distribuída, em vez de aglomerada em centros urbanos. Honestamente, não sei se estamos socialmente preparados para tamanha mudança, mas a situação favorece reflexões desse tipo."

<https://bit.ly/2Rx1EL5> (29/03/2020)

http://www.mundodigital.net.br/index.php/produtos/visao-do-futuro/13056-a-sociedade-pos-coronavirus-nada-sera-como-antes?fbclid=IwAR0dPOO2OzbGWslaw9TmNp0ZSuqJRR_1RLdt2eEp9OLsXgKh6tKQW6L2tPk



(*7)

Endemia, epidemia, pandemia, pandemônio...

Neste interessante artigo, de 30 de abril de 2009, o Prof. Pasquale Cipro Neto nos explica em detalhes as definições e principais diferenças entre as palavras Endemia, epidemia, pandemia e pandemônio, como também nos mostra a definição literal para a palavra Utopia (junção de dois elementos gregos: "ou-", advérbio de negação, e "topos" ("lugar")), feita por Thomas Morus (1480-1535) que deu o nome "Utopia" a um país imaginário (que tinha um sistema sociopolítico ideal). Desta forma a palavra "distopia" significa o inverso da palavra Utopia, ou seja, segundo minha conotação é o mundo onde vivemos pois aqui buscamos um ideal político que efetivamente não existe. Daí a frustração por mim chamada de ideológica.

<https://bit.ly/2ztaOLK> (29/03/2020)

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3004200904.htm>

(*8)

A Lógica do Cisne Negro

Nassim Nicholas Taleb

<https://bit.ly/2JUIBXZ> (10/04/2020) (Download Gratis)

(*9)

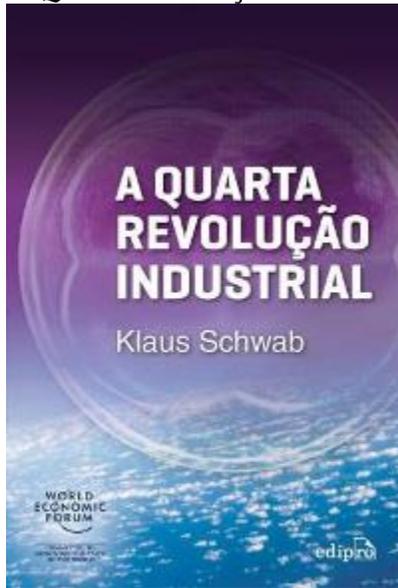
Bill Gates | TED2015 The next outbreak? We're not ready

Bill Gates | TED2015 O próximo surto? Não estamos prontos

<https://bit.ly/348aqUS> (29/03/2020) (Utilize a opção de legenda do YouTube para o espanhol caso tenha dificuldade com o inglês)



(*10)

A Quarta Revolução Industrial

Klaus Schwab

<https://bit.ly/2xcdPGq> (10/04/2020) (Download Gratis)

(*11)

Mundo pós-pandemia viverá 'período de grande alegria e felicidade', diz Karnal**Da CNN, em São Paulo****18 de Abril de 2020 às 23:00 | Atualizado 18 de Abril de 2020 às 23:06**

<https://bit.ly/3eYkIvJ> (27/04/2020)

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/04/19/mundo-pos-pandemia-vivera-periodo-de-grande-alegria-e-felicidade-diz-karnal>

O mundo pós-pandemia na visão de Leandro Karnal | LinkedIn de Silvia Triboni

Neste artigo do LinkedIn é feita uma transcrição da fonética para a escrita da palestra acima

<https://bit.ly/2xRYnQ5> (27/04/2020)

Especial: O Mundo Pós-Pandemia com Luiz Felipe Pondé

<https://bit.ly/3cUCDlm> (28/04/2020)

